Agricultura mundial

PERSPECTIVAS PARA 2014-2023

DE ACORDO com o índice de preços da FAO, neste ano, as cotações dos principais grupos de alimentos, exceto carnes, estão em declínio, liderado pelos produtos lácteos. O embargo russo às importações de produtos de países do continente europeu e dos Estados Unidos, em meio ao conflito na Ucrânia, ajudou a puxar para baixo as cotações.

Os preços das carnes contrariaram a tendência e continuam a subir. A demanda da China oferece suporte às importações, e a Austrália, com a recomposição do rebanho, reduz a oferta para exportação de carne bovina.

Essa recente queda dos preços das principais culturas deverá manter-se ao longo dos próximos dois anos, antes de eles se estabilizarem em níveis acima do período pré-2008, mas significativamente abaixo dos recentes picos, de acordo com o mais recente relatório "Perspectivas Agrícolas", produzido pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e pela FAO.

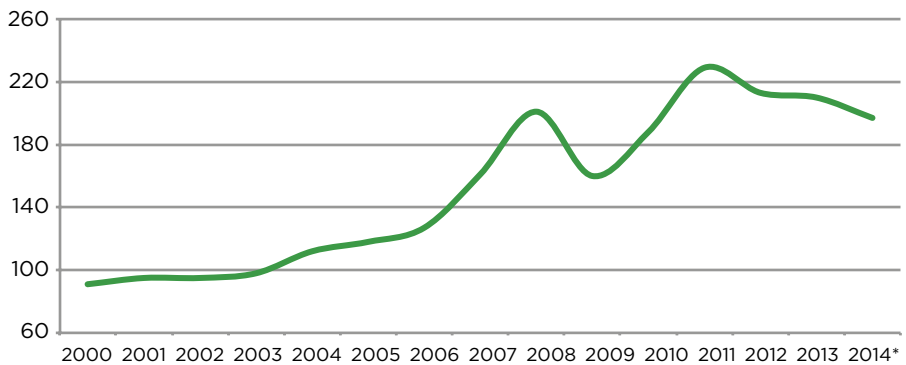
A procura por produtos agrícolas deverá manter-se firme enquanto expande em níveis mais baixos do que na década passada. Os cereais ainda estão na base da alimentação das pessoas. Não obstante, em muitas partes do mundo, as dietas têm um nível cada vez mais elevado de proteína, gordura e açúcar, à medida que os rendimentos e a urbanização aumentam.

De acordo com o relatório, junto ao crescimento da população global, essas mudanças exigirão um aumento substancial da produção. Lideradas pela Ásia e pela América Latina, as regiões em desenvolvimento serão responsáveis por mais de 75% dessa produção agrícola adicional ao longo da próxima década.

O relatório "Perspectivas Agrícolas" indica que a produção mundial de cereais deverá ser 15% superior em 2023 em relação ao período de 2011-13. O crescimento mais rápido da produção deverá ser por parte das oleaginosas – 26% nos próximos dez anos. A expansão da produção de grãos e oleaginosas será impulsionada pela forte demanda por biocombustíveis, particularmente nos países desenvolvidos, e pelas crescentes necessidades de alimentação nas regiões em desenvolvimento.

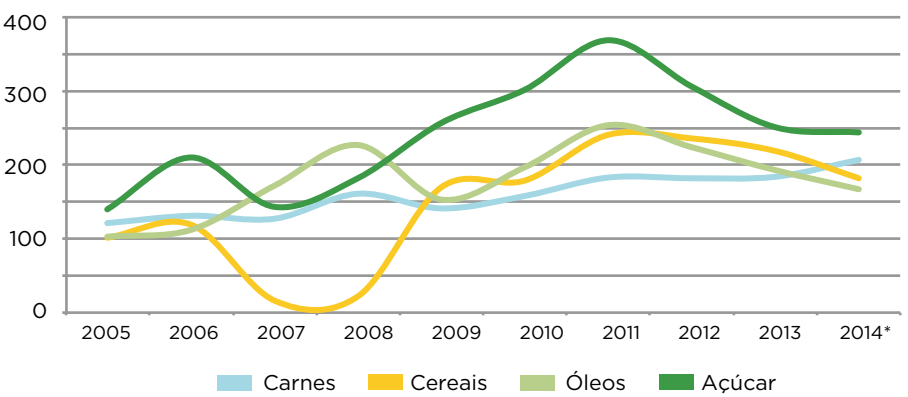
A expansão da produção de alimentos será mais moderada na próxima década, segundo o relatório, com o trigo crescendo cerca de 12% e o arroz, em 14%, bem mais abaixo do que as taxas de crescimento da década anterior. A produção de açúcar deverá aumentar em 20% durante a próxima década, concentrada principalmente em países em desenvolvimento.

EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE PREÇOS DA FAO PARA OS ALIMENTOS



*Até agosto
Fonte: FAO

EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE PREÇOS DA FAO PARA CARNES, CEREAIS, ÓLEOS E AÇÚCAR



*Até agosto
Fonte: FAO

Principais projeções das "Perspectivas Agrícolas":

• **Cereais:** os preços mundiais impulsionam o comércio mundial, com os níveis recordes nos estoques de arroz na Ásia;

• **Oleaginosas:** as áreas agrícolas plantadas para oleaginosas continuam a aumentar, embora em um ritmo mais lento do que nos últimos anos. Com demanda crescente, os preços seguem firmes;

• **Açúcar:** depois do enfraquecimento no final de 2013, a forte demanda global ajuda a recuperar os preços. As exportações brasileiras – o dominante exportador de açúcar do mundo – serão influenciadas pelo mercado de etanol;

• **Carnes:** importações firmes da Ásia e recuperação do rebanho norte-americano. Preço em alta. A produção da carne de aves ultrapassa a suína;

• **Laticínios:** preços ligeiramente em queda, devido a ganhos sustentados de produtividade nos principais países produtores e retomada do crescimento na China. A Índia ultrapassa a União Europeia para se tornar o maior produtor de leite do mundo, com consideráveis exportações de leite em pó desnatado;

• **Pesca:** o crescimento da produção está concentrado na Ásia; continuará como um dos setores alimentares de maior crescimento, superando o volume de captura;

• **Biocombustíveis:** aumento de 50% nos níveis de consumo e de produção, liderado pelo etanol e o biodiesel. Os aumentos dos preços do etanol são feitos lado a lado ao aumento dos preços do petróleo bruto, enquanto o preço do biodiesel segue mais de perto a trajetória dos preços do óleo vegetal;

• **Algodão:** estoques globais acumulados impulsionarão o consumo, ajudado por preços mais baixos. ■



SHUTTERSTOCK

FAO celebra o Dia da Alimentação

A Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), desde 1979, comemora em 16 de outubro o Dia Mundial da Alimentação. Celebrada por 150 países, esta data é a mesma da fundação da instituição, no ano de 1945.

Diante do aumento drástico no preço dos alimentos a partir da segunda metade da década passada, a segurança alimentar e nutricional ficou ameaçada em diversas partes do mundo, especialmente nos países em desenvolvimento, com impacto negativo, sobretudo, para a população mais pobre.

Na verdade, desde 2007, os mercados globais sofrem constantes oscilações e pressionam os preços dos alimentos básicos. No verão de 2008, os patamares atingidos não eram observados há trinta anos. Entre 2010 e 2011, em alguns países, o aumento dos preços atingiu mais de um terço, quando comparado com as suas médias históricas.

Atualmente, as cotações dos alimentos continuam altas, mas com elevada volatilidade. A maior parte dos países em desenvolvimento não possui sistemas públicos e mecanismos de regulação de preços, nem políticas fortes de estímulo à produção e ao abastecimento alimentar, para enfrentar os desequilíbrios do mercado.

De acordo com o Banco Mundial, entre 2010 e 2011, o aumento dos preços de alimentos levou cerca de 70 milhões de pessoas à pobreza extrema, além de manter ao redor de 1 bilhão o número de pessoas que passam fome no mundo. Na Somália, por exemplo, a metade dos 7,5 milhões de habitantes passa fome, e, diariamente, muitos deles morrem de fome.

O Dia Mundial da Alimentação lança luz e provoca a reflexão sobre as causas da volatilidade dos preços e a importância da adoção de medidas estruturais para alterar essa situação, que traz mais vulnerabilidade, ao invés de estabilidade, ao sistema alimentar global.

Segundo estudo da organização não governamental ActionAid, em 2013, pelo terceiro ano consecutivo, o Brasil foi considerado a nação mais preparada na luta contra a fome. O levantamento baseou-se na avaliação das ações de vinte e oito países em desenvolvimento. Segundo a ONG, o País conquistou essa colocação devido à combinação das políticas de proteção social, à inclusão do direito a alimentação na Constituição Federal, à criação do Sistema Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (SISAN) e ao plano para adaptação a mudanças climáticas.